LIBRAS: RELEVÂNCIA DO BILINGUISMO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Rita de Cássia Santos Almeida

Centro Universitário UniEinstein, Limeira/SP, Brasil (rita22almeida@gmail.com)

RESUMO

Esta pesquisa se refere a investigar e compreender fatores que impedem ou dificultam a aprendizagem de alunos surdos devido aos entraves de comunicação plena nas salas de aula e o despreparo dos professores para solução do problema, e assim, tem como objetivo apresentar um panorama de como os surdos estão numa posição desfavorecida, devido à falta da Libras no currículo escolar da Educação Básica. Sustenta-se numa abordagem qualitativa fundamentada em revisão bibliográfica, e pesquisa de campo com questionário semiestruturado para alunos de 5º ano do ensino fundamental, que será aplicado após aprovação do CEP, numa escola no interior do estado de São Paulo, e entrevista com duas profissionais surdas que trabalham em escolas. Acredita-se que os dados coletados apresentarão contribuições importantes para a necessidade de os professores usarem a libras em sala de aula, bem como criarem estratégias e métodos que auxiliem a aprendizagem dos surdos.

Palavras-chave: bilinguismo, surdez; libras; aprendizagem; inclusão.

INTRODUÇÃO

O direito de frequentar a escola e de participar da vida em sociedade constitui uma garantia social e ética assegurada a todo cidadão brasileiro, confirmados pela Constituição de 1988 e pelo ECA (1990), os quais reforçam que a educação é um direito fundamental, bem como condição essencial para o exercício da cidadania. Devido a isso, para garantir esses direitos, é necessário que todo sujeito seja um beneficiário, bem como esteja incluso socialmente, então, qualquer cidadão com deficiência pode e deve fazer parte do todo. Sendo assim, entende-se que o bilinguismo em libras deveria constar dos currículos escolares para atender plenamente a educação e a inserção social do cidadão.

No entanto, embora não haja dados comprobatórios do IBGE sobre o número de surdos analfabetos ou dados que apresentem estimativas de surdos com problemas de aprendizagem, sabe-se que essa parcela da população, segundo o último censo, aproximadamente 3 milhões (1,5% da população), apresenta surdez profunda e por volta de 7 milhões (3,5% da população), outros graus de deficiência, e essa camada permanece em segundo plano no âmbito educacional.

Verificou-se por meio de pesquisas o despreparo de professores para receberem alunos surdos em sala de aula, o que lhes dificulta a aprendizagem e a socialização (Silva, Pereira, 2003; Romário, 2025). Conforme as primeiras autoras, as queixas dos pais, revelaram que os filhos apresentam mais dificuldades para aprender, devido à falta de preparo especializado dos professores; além disso,

declaram que nas escolas regulares os professores não têm
preparo suficiente para ensinar o aluno surdo e geralmente, apresentam "[...] ideias preconcebidas ou concepções equivocadas a respeito da surdez, muitas vezes atribuindo ao aluno imagens depreciativas" (Silva; Pereira, 2003, p. 173). E mais: "Na formação inicial, por exemplo, apenas a partir do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, a disciplina de Libras foi incluída como componente curricular obrigatório nos cursos de formação docente". (Romário, 2025)

A partir dessas informações, fortaleceu-se que é necessário que o professor tenha capacidade plena de comunicação com o aluno deficiente auditivo, tanto para o desenvolvimento de atividades pedagógicas de maneira eficaz, quanto para o afeto e a confiança na relação professor-aluno.

De acordo com Góes (1996), o atraso no desenvolvimento da linguagem pela criança surda é uma consequência da inserção dela em um grupo social que se comunica de uma maneira diferente. Isso pode acarretar dificuldades cognitivas, de comunicação, sociais e emocionais, e conforme (Silva, Kieper, Passabon, 2024, p.4),

> [...] a Língua de Sinais, como uma forma de expressão própria e distinta, é essencial para a construção da identidade surda, ao mesmo tempo que proporciona um espaço para o diálogo e a resistência frente a uma sociedade majoritariamente ouvinte.

Devido a isso, Mazzota (1996) defende que todos os alunos devem ter acesso às mesmas oportunidades, considerando educação próxima da moradia, um programa educacional que atenda às suas necessidades e lhes proponha desafios. Para Botelho (1998) e Lacerda (2000), é comum que o aluno surdo esteja em desigualdade linguística diante de seus professores e colegas, considerando que a comunicação se desdobra de modo diferente para os deficientes auditivos e para os ouvintes. No entanto, acredita-se que partir dessa situação, o estudante surdo perde o acesso a diversos conteúdos educacionais e interações com os professores e colegas.

Professoras consultadas sobre a aprendizagem do surdo, comentam que tais alunos podem aprender como os demais – uma vez que há alunos ouvintes que apresentam dificuldade também - porém àqueles a aprendizagem ocorre de maneira diferente, é o que revelam Silva e Pereira (2003). Além disso,

> A implicação de uma ou de outra posição é a baixa expectativa das professoras em relação à aprendizagem do aluno surdo. Quando algumas professoras mencionam que a aprendizagem é diferente, parecem se referir ao fato de acontecer de maneira mais lenta e quando referem que há alunos ouvintes com mais difi culdades, parecem comparar os alunos surdos aos alunos com difi culdades de aprendizagem.(Silva; Pereira, 2003, p.175)

Diferentemente da maioria dos alunos que chegam à escola já falando a língua materna, as crianças surdas não têm o domínio desses, sendo penalizadas e praticamente excluídas do ambiente escolar. (Lima; Córdula, 2017). O desafio da

inclusão dessas é multifatorial. O principal entrave reside na insuficiente implementação de políticas públicas que garantam investimentos adequados e a presença de profissionais capacitados em Libras (Nunes; Madureira, 2015).

Outrossim, como consequência no modo de expressão dos surdos há uma diferença que ressignifica a surdez como uma marca cultural e não como patologia (Botelho, 1998). Essa diferença entre culturas de pessoas surdas e ouvintes, somada à dificuldade em superar a predominância normativa da comunicação oral e escrita, em detrimento do uso de recursos visuais, constitui um obstáculo adicional para a inclusão. Isso pode endossar a importância da desestigmatização do surdo como uma pessoa incapaz de se comunicar, uma vez que ele não é o culpado por sua condição, visto que cabe à sociedade se organizar para incluir todas as diferenças por meio de políticas públicas mais inclusivas e propostas pedagógicas com linguagens mais abrangentes.

Uma das possibilidades de auxiliar os surdos em relação à comunicação e compreensão é a inserção da pedagogia visual e o Mapa Conceitual, pois são metodologias que têm uma visão crítica a respeito da linguagem padrão, propondo um canal de comunicação que seja compatível para os dois universos: dos surdos e dos ouvintes. (Campello, 2007)

A pedagogia visual, por se atentar à comunicação da experiência visual, produz subjetividades pela presença da imagem e pelos discursos viso-espacial (Santos et al., 2018), referindo-se a uma prática que aborda elementos da linguagem de sinais como contação de história, jogos educativos, envolvimento da cultura artística, cultura visual, desenvolvimento da criatividade plástica, visual e infantil, as artes visuais e utilização de Sing Written (escrita de sinais) na informática. (Campello, 2007)

O Mapa Conceitual funciona como uma externalização que reflete representações internas do pensamento de quem o faz (Moreira, 2013 *apud* Oliveira; Lobato, 2018), ou seja, o processo de formulação de pensamento da pessoa é construído a partir de relações entre os conceitos pensados. Assim, esses se apresentam como instrumentos potenciais no processo de ensino-aprendizagem, tanto dos surdos, quanto dos não surdos, por ser de fácil percepção de compreensão de determinados conceitos pela metodologia de relacionar e memorizar termos específicos no processo de aprendizagem. (Oliveira; Lobato, 2018)

No entanto, apesar de essas metodologias conterem meios de inclusão em sala de aula, a relação professor-aluno permanece rasa, uma vez que, sem libras, o professor não consegue se comunicar de maneira efetiva com aquele aluno, afetando o processo de ensino e aprendizado, visto que a linguagem de sinais continua sendo indispensável na inserção cultural e pedagógica do aluno.

Dito isso, frente às barreiras que impedem o estudante surdo de enfrentar o contexto social e educacional como os demais, compreende-se claramente sua situação de vulnerabilidade. Um aluno cuja comunicação não é como os demais, na

escola, pode ter seu processo de desenvolvimento educacional prejudicado por não ter acessibilidade plena ao conteúdo ou à comunicação com educadores e colegas. (Witchs, 2021)

É compreendido por Vygotsky (1997) que a interação social é essencial na construção da subjetividade do sujeito, considerando que a comunicação e a interação são mediadas culturalmente. Paralelo a esse pensamento, Bakhtin (2006) complementa que a linguagem apenas toma sentido no diálogo, já que ela não pode ser aplicada unilateralmente. Dessa forma, entende-se a necessidade de a pessoa surda compartilhar suas vivências e perceber a experiência sociocultural de seus semelhantes de maneira própria e interativa através de uma linguagem que a representa, experiência crucial na construção de sua identidade.

Diante dessas questões, esta pesquisa tem com objetivo apresentar um panorama de como os surdos estão numa posição desfavorecida, devido à falta da Libras no currículo escolar da Educação Básica, ao mesmo tempo que serão sugeridos possíveis meios de resolução para o contexto atual, a fim de desestigmatizar a educação de pessoas com deficiência auditiva.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e exploratória, combinando estudo bibliográfico e pesquisa de campo planejada. Inicialmente, foi realizada a pesquisa bibliográfica para fundamentar a temática da educação de alunos surdos, do bilinguismo, da pedagogia visual e do uso de mapas conceituais. Posteriormente, será solicitado aprovação do CEP para em seguida conduzir a pesquisa de campo com questionários e/ou entrevistas, visando compreender se a Libras faz falta no currículo escolar e como são atualmente as práticas pedagógicas, o uso de recursos visuais e as percepções dos entrevistados sobre a aprendizagem dos alunos surdos. Os dados coletados serão analisados qualitativa e quantitativamente, permitindo a articulação entre teoria e prática e subsidiando a elaboração das considerações finais do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pelo fato de a pesquisa estar em andamento, ainda não se dispõe de resultados, mas têm-se como hipótese que se houvesse a Libras no currículo e os professores fossem bilingues, a comunicação com os surdos ocorreria de forma plena, além de facilitar sua interação, inclusão e aprendizagem.

CONCLUSÃO

Durante as leituras pôde-se perceber o quão difícil é a inclusão dos surdos pelo fato de enfrentarem obstáculos básicos na comunicação, além de outros. Embora haja esforços para haver inclusão, não depende exclusivamente de boa vontade. É necessário que sejam implementadas políticas públicas que visem solução do problema e que a Libras faça parte do currículo escolar, afinal a inclusão precisa ser pensada desde a educação infantil.

Embora as leis e documentos oficiais, como as Leis federais n.º10.098/2000, 10.436/2002, e o Decreto n.º5.626/2005 exijam que cursos de formação de professores incluam Libras e outros aspectos, a carga horária oferecida é ínfima, então fica a critério do docente buscar cursos complementares que o preparem para atender a demanda. Enquanto isso, apesar de a BNCC reconhecer a Língua Brasileira de Sinais como linguagem a ser considerada no processo educativo, não se veem propostas concretas de inclusão da segunda língua como disciplina obrigatória no currículo escolar da educação básica.

Enfim, acredita-se que ao final desta pesquisa, após o levantamento dos dados, confirme-se a necessidade de implantação da Libras como objeto essencial e indispensável de inclusão social. Além disso, espera-se que surjam extensivos estudos que comprovem a real necessidade de preparo docente para que a inclusão dos surdos ocorra plenamente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *A Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

BOTELHO, P. *Segredos e silêncios na interpretação dos surdos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

CAMPELLO Ana Regina e Souza. Pedagogia Visual: sinal na educação dos surdos. In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (orgs). *Estudos Surdos II*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

GÓES, M.C.R. *Linguagem, surdez e educação*. Campinas: Autores Associados, 1996.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 26, n. 69, 2006.

LIMA, Juliana Acácio Cordeiro de; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. O ensino da Libras no Ensino Fundamental. *Revista Educação Pública*. Rio de Janeiro, Cecierj, v. 17, n. 9, 2017.

ROMÁRIO, Lucas. Fragilidades da formação docente e do currículo na escola regular e sua relação com o atendimento educacional especializado para pessoas surdas. In.: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. ISSN 2176-6681. vol.106 Brasília 2025 Epub 09-Dez-2025

NUNES, Clarisse; MADUREIRA Isabel. *Desenho Universal para a Aprendizagem*: Construindo práticas pedagógicas inclusiva. Da investigação às práticas, Lisboa, v. 5, n. 2, set. 2015.

OLIVEIRA, Waldma Maíra Menezes de; LOBATO, Huber Kline Guedes (Orgs.). *Pesquisa educacional sobre representações sociais*: o uso da técnica do desenho e dos mapas conceituais. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

SANTOS, João Lucas Iduino Oliveira dos; COUTINHO, Marcela Atala; CALIXTO, Hector Renan da Silveira; GOMES, Ellen Midiã Lima da Silva; SOUZA, Flávia Faissal de. Pedagogia visual na educação de surdos: uso de mapas conceituais como estratégia pedagógica. In: *Colóquio Internacional Educação*, Cidadania e Exclusão (5, 2018, Niterói). Niterói, RJ: V CEDUCE, 2018. (v. 2).

SAÚDE debate. *Segundo o IBGE, cerca de 4,6 milhões de pessoas vivem com de deficiência auditiva.* 2024. Disponível em: Segundo o IBGE, cerca de 4,6 milhões de pessoas vivem com de deficiência auditiva - Saúde Debate. Acesso em 25 maio 2026.

SILVA, Angélica Bronzatto de Paiva; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor. *Psicologia*: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 19, n. 2, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/YzBhwY8zLwcgKpSNQt4z3Hn/?format=pdf&lang=pt

SILVA, Taynan Alécio da; KIEPER, Zuleika Rache; PASSABON, Cláudio Valiatti. Do silêncio à expressão: uma teoria histórico-cultural da surdez. *Revista Scientia Alpha*, Umuarama, 2024. Disponível em: https://revista.alfaumuarama.edu.br/index.php/rsa/article/view/125

VYGOTSKY, L. S.. *Pensamento e linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

WITCHS, Pedro Henrique. A situação minoritária dos surdos e sua vulnerabilidade linguística na educação. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 41, n. 114, maio/ago. 2021.